

QUESTÕES SOBRE A GRAMÁTICA NORMATIVA NAS MÚSICAS DE ADONIRAN BARBOSA

José Braulio da Silva Júnior (UEMS)

josebrauliojunior@hotmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

1. Introdução

A proposta desse trabalho é abordar o uso dos padrões linguísticos encontrados nas músicas de Adoniran Barbosa. Mostraremos que suas letras já combatiam o preconceito das variantes do falar e desmitificavam o conceito de homogeneidade linguística que era (e ainda é) ensinado nos bancos escolares.

Vamos refletir que a forma de ensinar deve ser repensada, para que haja um aprendizado adequado, uma melhor relação aluno/professor e uma educação de melhor qualidade, principalmente no que se refere ao uso da norma padrão da língua portuguesa.

A escola tem a obrigação de ensinar a norma padrão, conforme determina a lei de diretrizes e bases (LDB) 9394-96. Nesse sentido, é fundamental ensinar o necessário para a participação efetiva dos alunos na vida social de maneira cultural, econômica e intelectual, sendo assim é necessário que se saiba o português culto e a escola faz isso através do ensino da norma padrão. Conforme Possenti (1996, p. 17): “O objetivo da escola é ensinar o português padrão, ou, talvez mais exatamente, o de criar condições para que seja aprendido”.

A seguir, trataremos das variantes do português do Brasil.

2. A uniformidade da língua portuguesa no Brasil?

Há um mito que afirma que ensinar a norma culta da língua portuguesa é uma missão bem fácil. Afinal, o português é apenas um, homogêneo de norte a sul e de leste a oeste de nosso país, igual em todos os países que o falam. A verdade é que não existe tal homogeneidade linguística no português oral, o “falar” lusitano é bem diferente do nordestino, nem o falar dos cariocas é igual aos de Moçambique, muito menos entre o dos paulistas e dos moradores de Cabo-Verde.

O ensino de gramática ignora as variantes regionais do português. Assim, tudo aquilo que foge do padrão estabelecido por um gramático de renome é considerado erro. Assim, certos comportamentos linguísticos seriam inadmissíveis: regionalismos, gírias, contrações de termos, uso de estrangeirismos e tantas outras manifestações da língua.

Vale lembrar que o Brasil não é um país monolíngue, apesar de tal noção ficar nas entrelinhas no ensino em centros urbanos.

No Brasil não se fala uma só língua. Existe mais de duzentas línguas ainda faladas em diversos pontos do país pelos sobreviventes das antigas nações indígenas. Além disso, muitas comunidades de imigrantes estrangeiros mantêm viva a língua de seus ancestrais: coreanos, japoneses, alemães, italianos etc. (BAGNO, 2012, p. 18)

No ensino da língua padrão os comportamentos linguísticos citados acima são tratados como inferiores, supostamente incapazes de expressar as ideias do falante. Chega-se ao ponto de taxar os alunos marcados pelo regionalismo na fala como “errados” e linguisticamente defeituosos. Para “corrigir” os “erros” eles precisariam abandonar suas raízes culturais.

O fato é que a língua possui diversas normas e a chamada norma padrão é apenas uma delas. Ela é utilizada nos documentos oficiais do governo, nas notícias de jornal e nos livros, mas de maneira alguma é superior às outras variantes.

A questão que surge é: se a função da escola é ensinar a língua portuguesa, por que ignoramos as outras variantes e dialetos da mesma? Mesmo sabendo que não existe variante superior ou mais eficiente que outra.

Existe uma comodidade no ensino atual de gramática, tratamos o português como uma massa uniforme. Mas a realidade é bem diferente. As variações se manifestam na fonética, na sintática, no léxico, na morfologia e na semântica. Se os alunos soubessem disso eles desmitificariam a ideia de homogeneidade linguística, acabaria o preconceito linguístico e haveria reconhecimento cultural dos falantes. Assim as outras variantes e dialetos do português, que ainda são ignorados, passariam a ter representatividade, inclusive, nos textos mais formais.

De acordo com o que foi apresentado acima, vamos analisar a importância de compositor e intérprete Adoniran Barbosa, como alguém que tentou retratar a realidade sociolinguística observada.

3. O que há de errado com o ensino de português?

Há algo muito errado com o ensino de português nas escolas. Se ele está equivocado e precisa ser reformulado, qual seria a maneira correta? As crianças, independente da língua, a partir dos três anos de idade já estão falando seu idioma, produzindo orações e frases elaboradas em todos em diversos tempos verbais, sem a aplicação de exercícios repetitivos, apenas com contato com a língua. Assim não se ensina a língua, adquire-se.

“O domínio efetivo de uma língua dispensa o domínio de uma metalinguagem técnica”. (POSSENTI, 1996, p. 53)

Se é preciso vivenciar a língua, logo para ensinar/aprender gramática é necessário seguir o mesmo princípio: vivenciá-la, utilizá-la diariamente, o que é complicado quando temos alunos de classes econômicas desprivilegiadas, com pouco acesso ao uso padrão. Isso levanta outra questão, quem fala a norma padrão? Os grupos economicamente mais privilegiados, já que eles têm a condição de acesso às obras literárias, que servem de base para a norma culta. Além disso, estão em cargos que utilizam constantemente a norma culta nas suas tarefas cotidianas.

Ensinar língua é refletir a realidade de seu falante, logo é necessário formá-lo com base em seu contexto linguístico para a participação da vida social. Infelizmente, o ensino da gramática da língua-padrão não reflete a realidade de um aluno da classe menos privilegiada. Quando ele chega à escola o seu “falar” é taxado como errado, inferior e insuficiente para se comunicar, sendo imposto um modelo que não é natural à sua realidade, ignorando a diversidade linguística, o local em que eles vivem, as influências sofridas, o nível de escolaridade e até mesmo a idade.

É uma violência, ou uma injustiça, impor a um grupo social os valores de outro grupo. Ela valeria tanto para guiar as relações entre brancos e índios quanto para guiar as relações entre – para simplificar um pouco – pobres e ricos. (POSSENTI, 1996, p. 18)

Além disso, podemos citar o equívoco de afirmar de que para escrever bem é preciso conhecer as normas da gramática tradicional.

Conhecer uma língua é uma coisa e conhecer sua gramática é outra. Que saber uma língua é uma coisa e saber analisá-la é outra. Que saber usar suas regras é uma coisa e saber explicitamente quais são as regras é outra. Que se pode falar e escrever numa língua sem saber nada “sobre” ela, por um lado, e que, por outro lado, é perfeitamente possível saber muito “sobre” uma língua sem saber dizer uma frase nessa língua em situações reais. Para dar um exemplo óbvio, sabe evidentemente mais inglês uma criança de três anos que fala

inglês usualmente com os adultos e outras crianças para pedir coisas, xingar, reclamar ou brincar, do que alguém que tenha estudado a gramática do inglês durante anos. (POSSENTI, 1996, p. 54)

Podemos destacar dois casos de autores importantes que refutam a noção de conhecimento tradicional como sinônimo de boa escrita: Carolina Maria de Jesus e Luiz Fernando Veríssimo. A primeira autora escreveu o livro *Quarto de despejo*. Mesmo sendo semianalfabeta ela foi capaz de descrever a realidade de um favelado, com muitas críticas duras à sociedade, à pobreza e à injustiça social. Já o segundo autor, é reconhecido como um dos maiores cronistas do Brasil. Ele chega ao ponto de afirmar que não conhece a norma culta.

A discussão sobre variação e uso é antiga. A seguir vamos ver como Adoniran Barbosa usava um modelo não normativo em suas letras de músicas, de sua escolaridade precária, da sociedade que estava inserido, retratando a sua realidade como falante.

4. Adoniran Barbosa e a gramática normativa

As músicas de Adoniran Barbosa fogem ao padrão normativo da língua, mas retratam fielmente a realidade linguística dos moradores humildes de São Paulo. Se elas seguissem a norma padrão fielmente como é proposto nas escolas não teriam o impacto que tiveram, não existiria verossimilhança entre a língua e a realidade exposta, ou seja, o autor não conseguiria expressar sua realidade linguística, mas que isso tenha sido motivo de preconceito naquela época. Vejamos:

Saudosa maloca

Se o senhor não "ta" lembrado
Dá licença de contar
Ali onde agora está
Este "adifício arto"
Era uma casa "véia", um palacete assobradado
Foi aqui seu moço
Que eu, Mato Grosso e o Joca
Construimos nossa "maloca"
Mas um dia
"nóis" nem pode se "alembrá"
Veio os "home" com as ferramenta
E o dono "mandô derrubá"

Tiro ao Álvaro

De tanto levar
“Frechada” do teu olhar
Meu peito até
Parece sabe o quê?
“Táuba” de tiro ao Álvaro
Não tem mais onde furar...

Façamos uma análise sobre a vida e obra desse compositor. Tomaremos como base Jogas e Gomes (2003). Segundo os autores:

Adoniran não só combateu como sofreu preconceito linguístico e grafocêntrico, por cantar e grafar de acordo com o que faziam e ainda fazem em sua maioria os brasileiros que permanecem a uma sociedade menos favorecida. (JOGAS & GOMES, 2003, p. 23)

Adoniran Barbosa abandonou a escola por motivos socioeconômico, mas foi diplomado professor emérito pelo Instituto de Música de São Paulo, em 1976 recebeu o título de jornalista honorário. Ele provou, mesmo não sendo linguista, que não podemos tratar o português como sendo único em todo o território brasileiro é ignorar, fechar os olhos para todas as culturas de nosso país.

Adoniran Barbosa percebia essas diferenças e retrava em suas composições a fala e o cotidiano dos imigrantes italianos de baixa renda residentes em São Paulo. Ele indicava a diversificação dos falantes, apontava o tempo inteiro para o falar diferenciado, o falar cantado, com sotaque italiano, de quem tem pouca instrução acadêmica. (JOGAS & GOMES, 2003, p. 24)

As variantes que o compositor usa buscam retratar o perfil socio-cultural de uma determinada comunidade se manifestam através de certos fenômenos, que em geral são:

1. Redução de palavras – comumente encontrada no falar regionalizado dos brasileiros, como nos trechos da música *Saudosa Maloca*: “véia”, em vez de “velha” ou ainda “home” no lugar de “homem”;
2. Rotacização da letra L – trocar a consoante L por R, como nos trechos da música *Tiro ao Álvaro*: “frechada” e na música *Saudosa Maloca* a palavra “arto” podem ser utilizadas para ilustrar esse fenômeno nas músicas de Adoniran Barbosa.
3. Redução da marca de pluralidade – plural apenas no primeiro elemento da frase, “nóis nem pode se alembrá” a norma culta usaria: “nós nem podemos nos lembrar”.

Bagno (2012) lembra que essas características não são “erradas”, ao contrário, são a tendência natural da língua, que consiste em se enxugar, cortar fora os “excessos”.

A aceitação linguística é um exercício importante para o próprio reconhecimento cultural e Adoniran Barbosa fazia esse processo inconscientemente em suas músicas ao retratar sua cultura como falante e compositor, ele gerava polêmica ao ponto que nas escolas suas letras eram tratadas “assim que se fala, mas não é assim que se grifa”. Embora seu trabalho fosse um resgate de um linguajar específico de uma comunidade, ele sofreu preconceito linguístico, ao ponto de ser barrado em estúdios.

5. O que pode ser feito?

Conforme foi dito acima, uma deficiência no ensino de gramática, o que não é observado nas aulas de outras ciências, conforme atesta Perini (2003):

O primeiro sabe um pouco de matemática – digamos, as quatro operações. Não vou afirmar que todo aluno de terceiro ano primário saiba as quatro operações; mas muitos saibam, e não é absurdo um professor entrar na sala esperando que todos saibam. Já o aluno de terceiro colegial tem que saber mais do que as quatro operações. Afinal, ele tem oito anos a mais de escolaridade; e, correspondentemente, o professor de matemática espera mais dele do que de um aluno primário. Mas com a gramática a situação é outra. O aluno de terceiro ano primário já está estudando as classes de palavras e as análises sintáticas – e não sabe. Ao chegar ao terceiro colegial, continua estudando análise sintática e as classes de palavras – e continua não sabendo. (PERINI, 2003, p. 48)

Tal afirmação demonstra três problemas sérios do ensino de gramática nas escolas:

Eu diria que o ensino de gramática tem três defeitos, que o inutilizam enquanto disciplina: primeiro, seus objetivos estão mal colocados; segundo: a metodologia adotada é seriamente inadequada; e, terceiro: a própria matéria carece de organização lógica. (PERINI, 2003, p. 49)

Podemos nos arriscar a sugerir que o ensino deveria seguir a ordem natural das línguas: primeiro a pessoa aprende a falar e depois a escrever. Mas ocorre o contrário em nossas escolas, os alunos aprendem que seu falar está errado baseado no aprendizado da escrita – esse sistema não é o indicado devido às diferenças já apontadas entre língua e fala – sem a menor preocupação com a retratação da realidade do aluno com exercícios, com uma metodologia de aprendizado de gramática inade-

quada ao seu contexto, exigindo do aluno uma “memorização” das regras normativas.

6. Conclusão

Para finalizar destacamos quatro pontos abordados:

- Não existe uma homogeneidade linguística na língua portuguesa;
- Para conhecer a língua não é necessário conhecer as normas do chamado português culto;
- É necessária uma reforma no ensino de gramática de modo que se aproxime da realidade dos alunos;
- Existe um preconceito linguístico devido à exclusão do aprendido e aceitação das outras variantes do português, as chamadas formas não padrão.

Já que não existe uma homogeneidade linguística se faz necessário aprender junto com a norma as outras variantes do português, assim conheceremos verdadeiramente o que é a língua e acabaremos com os preconceitos, teremos uma educação mais próxima da realidade e teremos um ensino da língua muito menos traumatizante para nossos alunos.

Como se diz popularmente “não se vai de terno para a praia”. Logo, os professores devem ensinar a seus alunos a existência de variantes linguísticas e ao mesmo tempo deixar claro o modelo normativo não deve ser abandonado. Ele será cobrado em determinados momentos, tais como, entrevista de empregos e apresentações acadêmicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulalia* – novela sociolinguística. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

JOGAS, Mônica Guedes; GOMES, Nataniel dos Santos. Adoniran Barbosa, o defensor involuntário do combate ao preconceito linguístico. In. *SOLETRAS*, Ano III, n. 5 e 6. São Gonçalo: UERJ, 2003.

PERINI, Mario A. *Sofrendo a gramática*. São Paulo: Ática, 2003.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 1996.